

ARTIGO

ARTÍCULO

ÍCONES DO EXÍLIO, ÍNDICES DO TRAUMA, SÍMBOLOS E DISPUTAS CULTURAIS: uma leitura de *Homens ao sol*, de Ghassan Kanafani

ÍCONOS DEL EXILIO, ÍNDICES DEL TRAUMA, SÍMBOLOS Y DISPUTAS CULTURALES: una lectura de Hombres en el sol, de Ghassan Kanafani

ICONS OF THE EXILE, INDICES OF THE TRAUMA, SYMBOLS AND CULTURAL DISPUTES: A reading of Men in the Sun, by Ghassan Kanafani

ROSELI GIMENES

Universidade Paulista - UNIP, Brasil

CRUZEIRO SEMIÓTICO

COMO CITAR

CÓMO CITAR

GIMENES, R. Ícones do exílio, índices do trauma, símbolos e disputas culturais: uma leitura de *Homens ao sol*, de Ghassan Kanafani. **Cruzeiro Semiótico**, São Paulo, v. 2, n.2, p. 1-13, jul.-dez., 2025.

INTRODUÇÃO

A literatura produzida por autores palestinos e israelenses árabes ocupa um lugar central na discussão sobre identidades e conflitos culturais no contexto do prolongado conflito Israel-palestino. Essas obras literárias funcionam como um espaço de expressão e negociação simbólica em que as tensões entre pertencimento, exclusão e resistência são representadas e problematizadas por meio de múltiplos signos. Para compreender a complexidade dessas manifestações simbólicas, este artigo adota como referencial teórico a semiótica triádica de Charles Sanders Peirce que distingue os signos em três categorias fundamentais: ícones (signos que se assemelham ao objeto), índices (signos que mantêm uma relação causal ou contígua com o objeto) e símbolos (signos cuja relação com o objeto é mediada por convenções) (Peirce, 1931-1958). Essa estrutura teórica permite uma análise detalhada dos mecanismos pelos quais a literatura articula e comunica conflitos identitários e culturais.

O objetivo principal deste estudo é demonstrar como a literatura palestina representa o conflito sociopolítico por meio desses tipos de signos, ativando diferentes interpretantes que promovem leituras plurais e revelam as disputas simbólicas subjacentes. Para tanto, a metodologia combina análise textual da novela *Homens ao sol*, de Ghassan Kanafani — reconhecido por sua representação incisiva da condição palestina e das implicações do exílio e da violência estrutural (Kanafani, 2023) — com a aplicação dos conceitos peirceanos, de modo a identificar e interpretar os ícones, índices e símbolos que estruturam o discurso literário de Kanafani.

Essa abordagem semiótica possibilita revelar não apenas as camadas explícitas do texto, mas também os sentidos latentes e as estratégias discursivas que atuam na construção de narrativas políticas e culturais complexas. Assim, o artigo contribui para o aprofundamento do entendimento sobre o papel da literatura como campo de negociação simbólica e agente ativo na dinâmica do conflito Israel-palestino.

A fundamentação teórica deste estudo apoia-se primeiramente nos elementos centrais da semiótica triádica de Charles Sanders Peirce que distingue três tipos fundamentais de signo: ícone, índice e símbolo. O ícone se caracteriza pela semelhança com o objeto representado; o índice, pela relação causal ou contígua direta; e o símbolo, pela conexão arbitrária mediada por convenções sociais. Além dessa tipologia, conceitos como interpretante — o efeito ou sentido produzido pelo signo —, semiose — o processo contínuo de significação —, e as categorias fenomenológicas de primeiridade, secundidade e terceiridade são essenciais para compreender como os signos operam na construção de significado. A abdução, por sua vez, é destacada como o modo criativo e político de produção de sentidos, possibilitando a formulação de hipóteses e novas interpretações no campo simbólico.

No que tange à relação entre semiótica, cultura e política, o estudo dialoga com autores como Santaella (2014), Winfried Nöth (2003), Norval Baitello Jr. (1999) e Sergio Gruszynski (2012), que enfatizam a literatura como espaço de disputa simbólica e arena de conflitos identitários. Nesse sentido, os signos literários são compreendidos não apenas como elementos formais, mas como agentes ativos na construção de identidades e na resistência cultural frente a processos de dominação e exclusão. Assim, a semiótica se configura como ferramenta teórica capaz de revelar as dinâmicas simbólicas que atravessam os textos literários, articulando questões culturais, políticas e sociais.

A LITERATURA ÁRABE-ISRAELENSE COMO CAMPO DE SEMIOSE EM CONFLITO

A literatura árabe-israelense constitui um campo de semiose profundamente marcado por tensões históricas, políticas e culturais, refletindo a complexa realidade vivida por comunidades que se situam na interseção entre identidades múltiplas e frequentemente contraditórias. Segundo Said (1993, p. 304):

A cultura pode funcionar como uma forma de resistência contra a dominação política e econômica. [...] A literatura do terceiro mundo se opõe ao imperialismo não apenas ao representar a opressão, mas ao criar uma nova narrativa que desafia as versões oficiais da história.

Inserida em um contexto sociocultural que inclui o bilinguismo (árabe e hebraico) e a condição de pertencimento contestado, essa literatura aborda temáticas recorrentes como o exílio, a memória, a terra e o sentimento de pertencimento que se entrelaçam para revelar o drama da diáspora e a luta por reconhecimento. Levy (2014, p. 5) diz que “A literatura dos cidadãos árabes de Israel é uma literatura do entre-lugar — linguística, cultural e politicamente”. Ela negocia memória, exílio, terra e identidade em terrenos contestados. Esses temas são atravessados por uma experiência de identidade híbrida em que os autores articulam narrativas que desafiam fronteiras rígidas e expressam a ambivalência e a fragmentação identitária próprias de sujeitos que vivem em contextos de conflito prolongado como diz Bhabha (2025, p. 25):

É no surgimento dos interstícios — a sobreposição e o deslocamento dos domínios da diferença — que as experiências intersubjetivas e coletivas de nacionalidade, interesse comunitário ou valor cultural são negociadas.

A alteridade ocupa uma posição central nessa produção literária, sendo o outro tanto uma figura de confronto quanto de reflexão crítica. O outro funciona como signo que simboliza as relações de poder, as exclusões e as resistências, configurando-se como elemento chave para a construção da narrativa identitária. Essa alteridade não se limita a uma oposição simples, mas revela uma dialética complexa que questiona as categorias fixas e abre espaço para a negociação simbólica.

Nesse sentido, a literatura árabe-israelense atua como uma poderosa mediação simbólica, articulando discursos políticos, históricos e afetivos. Ela cria espaços discursivos nos quais as vozes marginalizadas podem ser ouvidas e em que as memórias coletivas se manifestam, ao mesmo tempo que desafia os discursos hegemônicos e propõe leituras alternativas da realidade sociopolítica. Por meio desse processo contínuo de semiose, a literatura não apenas reflete as condições concretas do conflito, mas também contribui para a construção de sentidos que influenciam as identidades e as relações culturais, tornando-se um instrumento crucial na resistência e na afirmação cultural em contextos de opressão. Para Peirce (1931-1958), semiose é o processo contínuo pelo qual algo funciona como signo: ou seja, algo representa ou remete a outra coisa (o objeto) para alguém (um intérprete) sob algum aspecto. Esse signo produz um efeito interpretativo — o que Peirce chama de interpretante —, que por sua vez pode se tornar um novo signo, iniciando uma nova interpretação.

Portanto, a semiose não é um ato pontual ou mecânico de codificação e decodificação, mas um movimento dinâmico, triádico e potencialmente infinito em que o sentido é sempre gerado, transformado e expandido.

Cada signo leva a outro, e a compreensão nunca é definitiva: o significado está sempre em construção. Como diz Peirce (1931-1958, CP 2.228, tradução nossa):

Um signo [...] é algo que está para alguém no lugar de alguma coisa, sob determinado aspecto ou capacidade. Ele dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Esse signo que ele cria chamo de interpretante do primeiro signo.

Assim, reiteramos, a literatura árabe-israelense age como um sistema semiótico que, ao tematizar a alteridade, ativa esse processo contínuo de semiose em que identidades, memórias e resistências são interpretadas, contestadas e reinscritas no discurso.

HOMENS AO SOL, ANÁLISE SEMIÓTICA

A novela *Homens ao sol*, de Ghassan Kanafani, publicada originalmente em 1963, pouco antes da *Guerra dos Seis Dias* em 1967, representa uma das obras mais emblemáticas da literatura palestina, capturando de forma contundente a complexidade e a gravidade da experiência do exílio, do deslocamento forçado e da luta pela sobrevivência sob condições políticas opressivas. A narrativa acompanha a trajetória de três refugiados palestinos que, diante da ausência de perspectivas e da marginalização social, embarcam em uma travessia clandestina em busca de melhores condições de vida no Kuwait. Esse percurso, marcado pela angústia e pela precariedade, funciona como uma poderosa metáfora das dificuldades e dos riscos que permeiam a existência palestina após a Nakba, a limpeza étnica de árabes na Palestina a partir de 1947 até o momento. Deixar a terra é uma das imagens mais recorrentes na obra. Já aparece quando o primeiro personagem dos três retirantes surge em cena:

Abu Quais repousou o peito no solo orvalhado e a terra começou a pulsar debaixo dele, com batimentos de um coração cansado que faziam tremer cada grão de areia e penetravam as células de seu corpo. Desde a primeira, sempre que ele se atirava de peito na terra sentia aquela pulsação, como se o coração da terra forçasse sua difícil passagem até a luz desde as profundezas do inferno (Kanafani, 2023, p. 9).

A análise semiótica da obra, fundamentada na teoria de Charles Sanders Peirce, possibilita compreender como Kanafani constrói sentidos múltiplos por meio da articulação entre ícones, índices e símbolos. Os personagens principais são índices vivos da realidade histórica do povo palestino, representando o trauma coletivo do exílio e da perda de identidade. Seus corpos deslocados, cansados e vulneráveis refletem a brutalidade da condição humana submetida à violência estrutural e à exclusão. O caminhão que os transporta é mais que um mero veículo; assume uma dimensão simbólica e icônica que remete tanto à aridez física do deserto quanto à estagnação e sufocamento da existência palestina. Há em seus personagens, 'Um aperto na garganta que o asfixiava' (Kanafani, 2023, p. 19).

O mesmo aperto que sentiu quando chegou a Basra e foi até a loja do homem gordo cujo trabalho era contrabandear pessoas de Basra para o Kuwait. Abu Quais ficou de pé diante dele, suportando nos ombros toda a humilhação e esperança que um velho pode aguentar (Kanafani, 2023, p. 19).

O silêncio que envolve o final trágico da narrativa, quando os personagens sucumbem à asfixia dentro do caminhão, é um símbolo poderoso da desumanização sofrida e da sensação de impotência diante de sistemas políticos e sociais que negam direitos fundamentais. Esse silêncio, longe de ser vazio, ressoa como um grito abafado, uma denúncia implícita que ecoa para além do texto, mobilizando a reflexão crítica do leitor sobre as consequências do exílio e da exclusão. O silêncio que se apresenta é o de horror ante à morte daqueles três homens que buscavam melhores condições de vida: 'Por que eles não bateram nas laterais do tanque?' (Kanafani, 2023, p. 100).

Além disso, Kanafani utiliza recursos narrativos que ativam diferentes interpretantes, permitindo leituras plurais e complexas da obra. A combinação de signos — dos corpos, do espaço, dos objetos e do silêncio — constrói uma alegoria política e existencial que ultrapassa o contexto imediato para falar de uma condição humana universal marcada pela perda, pelo deslocamento e pela luta por dignidade. Aqueles três homens nos fazem repetir com Varapau, o motorista do caminhão pipa encarregado de levá-los ao Kuwait: 'Por quê? Por quê, Por quê?' (Kanafani, 2023, p. 100).

Dessa forma, *Homens ao sol* não apenas relata uma experiência específica, mas se configura como um instrumento de resistência cultural e política, ao dar voz às narrativas silenciadas e ao questionar as estruturas de poder que perpetuam o sofrimento e a exclusão. A semiose promovida pelo texto, como apontamos, abre espaço para múltiplos sentidos e interpretações, fortalecendo seu papel como obra literária fundamental na compreensão das dinâmicas sociopolíticas palestinas e no debate sobre identidade, memória e justiça. O horror da morte dos três viajantes é a memória de tantos que como eles tiveram que partir em busca de condições que pudessem ajudar a família que deixavam em território hostil. Enfim, 'o deserto está em todos os lugares' (Kanafani, 2023, p. 27).

Ícones da identidade e da perda

Em *Homens ao sol*, a literatura constrói imagens icônicas que evocam afetivamente elementos universais como a terra, a infância, a família e o lar. Essas imagens funcionam como ícones porque mantêm uma relação de semelhança direta com os objetos representados, ativando no leitor sentimentos de pertencimento, nostalgia e perda. A terra aparece não apenas como espaço físico, mas como símbolo afetivo da identidade palestina, um ponto de ancoragem para memórias e esperanças que resistem ao exílio. A infância e a família são retratadas como figuras universais de segurança e continuidade cujas ausências ou rupturas marcam profundamente a experiência dos personagens. Por meio desses ícones, Kanafani não só reforça a dimensão emocional do conflito, mas também universaliza a experiência palestina,

conectando-a a valores humanos compartilhados. Valores perdidos que aqueles três homens poderiam encontrar no Kuwait, mas a desesperança era maior, para todo o lado:

Não. Não. Não há árvores no Kuwait. Saad, seu amigo que migrara para lá, onde trabalhou como motorista e voltou com sacos de dinheiro, disse que não havia árvores. As árvores só existem na sua cabeça, Abu Qais (Kanafani, 2023, p. 16).

As árvores estavam na sua cabeça cheia de esperança. Uma identidade perdida. Assim, a árvore era uma imagem perdida. Ícone do desalento que sentiam.

Índices do trauma e da violência

A narrativa revela, por meio de índices — signos que apontam para o objeto por contiguidade ou causalidade —, sinais indiretos do trauma e da violência sofridos pelos personagens e pela coletividade palestina. Se o índice como signo referente vê uma relação factual de contiguidade, típica de experiências existenciais, pegadas, bandeiras, sintomas, o interpretante do índice, portanto, não vai além da constatação de uma relação física entre existentes. E, ao nível do raciocínio, esse interpretante não irá além de um dicente, isto é, signo de existência concreta. Enfim, o índice como real, concreto, singular é sempre um ponto que irradia para múltiplas direções. Mas só funciona como signo quando uma mente interpretadora estabelece a conexão em uma dessas direções. Nessa medida, o índice é sempre dual: ligação de uma coisa com outra. O interpretante do índice, portanto, não vai além da constatação de uma relação física entre existentes. E ao nível do raciocínio, esse interpretante não irá além de um dicente, isto é, signo de existência concreta, repetimos, seguindo Santaella (1983).

Nesse sentido, quais são os índices do trauma e da violência a que se submetem aqueles três homens fugitivos e que se tornarão refugiados se a travessia for posta positivamente?

São aqueles corpos cansados, desgastados pela migração e pela precariedade que funcionam como índices da dor e da opressão. Ruínas e espaços desolados simbolizam o impacto físico e simbólico do deslocamento forçado. Silêncios e gestos repetitivos marcam o desgaste emocional e psicológico, enquanto lapsos de memória indicam a ruptura e o apagamento da história pessoal e coletiva. Esses índices são signos que, embora não expressem diretamente a dor, a sugerem e a tornam presente de maneira potente e ressonante, construindo uma atmosfera de sofrimento e resistência.

Mais do que nunca, sentiu-se estrangeiro e insignificante. Passou a mão sobre o queixo áspero e varreu da cabeça todos os pensamentos que tinham se aglomerado ali, como um exército de formigas (Kanafani, 2023, p. 16).

Símbolos e disputas culturais

Na obra, os discursos religiosos, políticos e midiáticos aparecem como símbolos cuja relação com seus referentes é mediada por convenções, mas frequentemente esvaziados ou tensionados devido às disputas culturais e políticas. Esses símbolos são utilizados tanto para reforçar narrativas dominantes quanto para questioná-las e subvertê-las. Um exemplo de reapropriação simbólica pode ser observado em personagens que redefinem o significado de pertencer e resistir, atribuindo-lhes novas camadas de sentido que desafiam as imposições externas. Essa disputa simbólica revela a complexidade do campo cultural em que se insere a literatura palestina, mostrando que os signos são arenas de luta e negociação em que sentidos são constantemente disputados, apropriados e ressignificados. A terra, por exemplo, pode se tornar símbolo de pertencimento ou exílio, e essa associação é construída culturalmente, não naturalmente — ou seja, simbólica.

Ouçamos com Santaella (1995, p. 48):

O símbolo é o signo por excelência da linguagem verbal. A relação do símbolo com seu objeto é convencional, sendo, por isso, arbitrária. [...] A literatura é construída como uma cadeia de símbolos que se organizam por regras sintáticas, mas que, ao mesmo tempo, são capazes de gerar mundos de sentido através da interpretação.

Dessa terra, outros elementos simbólicos das cores naturais e que dão e levam vida, o rio:

Ele se virou, apoiou-se nos cotovelos e ficou olhando o grande rio novamente, como se nunca o tivesse visto antes. Então, este é o Chatt-Alarab: 'Um vasto rio em que os navios navegam carregados de tâmaras e palha, como uma rua cheia de carros passando no centro da cidade'. (Kanafani, 2023, p. 13).

Interpretantes e polifonia

Homens ao sol ativa múltiplos interpretantes, ou seja, diferentes sentidos possíveis que podem ser construídos a partir dos signos presentes no texto, atingindo públicos diversos, incluindo leitores árabes, israelenses e ocidentais. Essa polifonia semiótica reflete a natureza complexa e multifacetada da obra que funciona como campo de disputa ideológica e afetiva. A polifonia semiótica é a coexistência e interação de diversos sistemas de signos (verbais, visuais, sonoros, gestuais, espaciais - verbivocovisuais) e múltiplas vozes interpretativas em um mesmo objeto cultural ou textual, produzindo significados múltiplos e simultâneos. De Bakhtin (1981), vem a ideia de múltiplas vozes discursivas, especialmente no romance. De Peirce (1931-1958, CP 5.484), a concepção de que a semiose é infinita, ou seja, o significado nunca está fechado — ele se abre em interpretações múltiplas e dinâmicas, que envolvem diferentes signos e formas.

A semiose no texto não é unívoca; pelo contrário, ela abre espaço para leituras variadas que dialogam com as experiências, identidades e perspectivas dos diversos públicos, promovendo a reflexão crítica sobre o conflito, a identidade e a resistência. Dessa forma, a obra não é apenas um relato, mas um agente ativo na construção de sentidos e na mobilização política e cultural. De fato, não se trata apenas da história de três diferentes homens que saem da terra ocupada, mas de todos os símbolos nela representados. A própria terra, o pertencimento, a diáspora. Diáspora que é a dispersão de um grupo étnico ou cultural, geralmente associada à perda territorial, mas à persistência da identidade coletiva, como é o caso desse povo, e do que representam esses três homens, dispersão de palestinos desde 1948 com forte vínculo com o território perdido. Como diz Said (1979, p. 7), “uma dispersão de palestinos desde 1948 com forte vínculo com o território perdido”.

O silêncio como índice do abandono

A novela *Homens ao sol* apresenta o silêncio final dos três personagens dentro do caminhão-tanque como um índice poderoso e trágico do abandono coletivo enfrentado pelos palestinos e da impotência política que permeia a experiência do exílio. Nesse contexto, o silêncio não é mera ausência de fala, mas um signo carregado de significado, um grito impossível que denuncia a falha das instituições árabes, dos líderes políticos e da comunidade internacional em prover uma solução efetiva para a situação dos refugiados. O silêncio é, assim, o índice do trauma mais profundo, da sensação de isolamento e desesperança, um eco mudo que reverbera a negligência e o esquecimento.

Além disso, os três homens se configuram como ícones da diáspora palestina, já apontamos. Eles representam figuras icônicas da identidade exilada e fragmentada: cada um carrega camadas de significação histórica e simbólica que remetem às diversas facetas do deslocamento, da perda e da luta por sobrevivência. Como ícones, suas histórias e trajetórias ressoam com a experiência coletiva, tornando-se imagens universais da condição palestina, capazes de evocar empatia e reconhecimento para leitores de diferentes contextos.

Por outro lado, a promessa de um futuro melhor no Kuwait apresenta-se como um símbolo esvaziado, uma ilusão descolada da realidade concreta vivida pelos personagens. Esse símbolo ilusório representa as falsas esperanças que alimentam a busca pelo exílio, mas que frequentemente se revelam vazias diante das dificuldades reais enfrentadas, evidenciando a discrepância entre discurso e experiência. Essa contradição tensiona a narrativa, destacando a distância entre expectativas e fatos, e reforçando o sentimento de desencanto.

No nível interpretativo, a obra convoca o leitor a uma reconstrução crítica do sentido do exílio palestino por meio de uma semiose marcada por falhas, silêncios e ironias. Kanafani não oferece respostas fechadas, mas ativa um processo de significação aberto em que os interpretantes são provocados a refletir sobre as falhas das estruturas políticas e sociais, a complexidade da identidade exilada e a urgência da resistência cultural e política. Assim, o silêncio final transcende sua aparente imobilidade e se transforma em um gesto político potente, um convite à escuta atenta e à ação.

Os personagens também funcionam como ícones do trauma palestino. Cada homem carrega em si marcas visíveis e invisíveis da diáspora: rostos cansados, corpos desgastados e atitudes carregadas de resignação que representam visualmente o sofrimento histórico e a perda coletiva. Essas imagens atuam como ícones porque evocam diretamente a experiência de deslocamento e sofrimento, transformando-se em figuras afetivas que ressoam não só a leitores palestinos, mas também a qualquer público sensível à condição humana diante da injustiça. Por meio desses ícones, a obra universaliza a dor da diáspora, criando imagens que transcendem o contexto específico e falam à condição do exilado.

No plano dos símbolos culturais, a promessa do futuro melhor no Kuwait emerge como um símbolo ilusório e esvaziado, revelando as tensões entre esperança e realidade. Esse símbolo reflete a desconexão entre as narrativas oficiais de progresso e segurança e a precariedade concreta vivida pelos refugiados. Outros símbolos, como o caminhão-tanque e o deserto, carregam sentidos múltiplos. Eles podem ser vistos como símbolos da viagem, do risco e da vulnerabilidade, mas também da opressão e do aprisionamento. Além disso, os discursos religiosos, po-

líticos e midiáticos, frequentemente mencionados ou implícitos na obra, funcionam como símbolos tensionados que tanto reforçam quanto problematizam as identidades e resistências palestinas, evidenciando disputas culturais profundas.

Por fim, a obra convoca o leitor a uma reconstrução interpretativa do exílio palestino, ativando uma semiose marcada por falhas, silêncios, ironias e imagens poderosas. Essa multiplicidade de signos e sentidos transforma *Homens ao sol* em um campo aberto para o diálogo político e cultural no qual o leitor é chamado a confrontar as complexidades do trauma, da identidade e da resistência. Como análise semiótica, a tríade da linguagem de Peirce (1931-1958 CP 1.25) pode ser observada. O amarelo do sol desértico que fere aqueles homens é a qualidade do possível, da pura sensação, daquilo que é em si mesmo, sem referência a outra coisa que, no entanto, mostra a relação com o outro, a faticidade, o choque da existência, a experiência de resistência do mundo, do apego à terra, mediada, a lei, a regularidade, o signo como aquilo que conecta primeiro e segundo por meio de um terceiro: o interpretante, Kanafani com seus três homens retirantes, de todos nós como leitores da atrocidade a que se destinam, homens ao sol.

E antes de o silêncio irromper naquele caminhão pipa queimando ao sol, o motorista Varapau tenta subverter a posição de linguagem fática dos homens que precisam assinar o documento para liberar o veículo. Há no olhar do leitor o horror que o espera. A ele, Varapau, e àqueles que aguardam por um final que estará longe da felicidade:

Ele pôs a cabeça entre as mãos e começou a puxar os cabelos para expulsar o pensamento. Mas ele continuava lá, enorme e retumbante, inabafável e inescapável. Virou-se para olhar para trás, para o lugar onde tinha deixado os cadáveres, mas não podia ver nada...e aquela olhadela fez aquele pensamento deixar sua cabeça em chamas. [...] 'Por que eles não bateram nas laterais do tanque?' (Kanafani, 2023, p. 100).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo reafirma a hipótese de que a literatura árabe-israelense constitui um espaço privilegiado de semiose complexa em que se articulam questões centrais relativas à identidade, ao trauma e à resistência cultural. Por meio da análise da obra *Homens ao sol*, de Ghassan Kanafani, foi possível observar como a literatura atua não apenas como representação narrativa, mas como campo dinâmico de negociação simbólica em que signos como ícones, índices e símbolos se entrelaçam para expressar e problematizar a experiência de exílio, deslocamento e luta por per-

tencimento. Essa produção literária revela as múltiplas camadas afetivas, políticas e históricas que permeiam o conflito Israel-palestino, oferecendo uma leitura rica e multifacetada da condição humana em contextos de opressão.

A semiótica peirceana com sua abordagem triádica dos signos e conceitos fundamentais como interpretante, semiose e categorias fenomenológicas, demonstrou ser uma ferramenta crítica particularmente eficaz para decifrar as complexas relações entre signos e sentidos presentes no texto. A distinção entre ícones, índices e símbolos permitiu evidenciar as diferentes estratégias narrativas que Kanafani emprega para construir significados múltiplos e para ativar um processo interpretativo aberto e polifônico que envolve diferentes públicos e perspectivas. Assim, a semiótica de Peirce contribui decisivamente para a leitura crítica de conflitos culturais ao oferecer um arcabouço capaz de captar a ambiguidade, a tensão e a profundidade das representações literárias. A relação da literatura com a semiótica, como nos diz Santaella (1996, p. 47), é que ‘a literatura é um universo privilegiado para a semiótica porque nela os signos são manipulados de modo artístico, explorando ao máximo suas possibilidades de significação’.

Para futuros estudos, aponta-se o trabalho de articular essa abordagem peirceana com outras perspectivas teóricas que ampliem a compreensão da semiose em contextos culturais complexos. A sociosemiótica, por exemplo, oferece um quadro promissor para investigar os ecossistemas discursivos em que as literaturas em conflito estão inseridas, possibilitando a análise das interações entre discursos, práticas sociais e instituições como nos diria Landowski (2014, p. 16), “A sociosemiótica busca apreender a significação tal como ela se atualiza em práticas sociais concretas, inclusive na literatura, concebida como um modo específico de interação simbólica”.

Além disso, a expansão para o estudo comparado de outras literaturas que lidam com experiências de conflito, deslocamento e resistência poderá enriquecer o debate e revelar padrões e singularidades na produção simbólica de grupos marginalizados. Citamos como exemplo a obra *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins. Nela, percebe-se, como em Kanafani, um retrato da desigualdade social e invisibilidade de personagens que não encontram saída para suas vidas. O resultado, como em *Homens ao sol*, é abrupto e trágico.

Dessa forma, o presente trabalho contribui para o avanço das investigações que colocam a literatura e a semiótica como ferramentas essenciais para a compreensão das dinâmicas culturais e políticas contemporâneas, ressaltando a importância da leitura crítica e interdisciplinar na construção de sentidos que promovam a prática e o exercício semiótico - literário.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. Tempo ao sol. In: **Menino Antigo - Boitempo II**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- BAITELLO JR., N. **Peirce, a semiótica e as linguagens do cotidiano**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1999.
- BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- GRUSZYNSKI, S. **Semiótica e política: uma introdução**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.
- KANAFFANI, G. **Homens ao sol**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Tabla, 2009.
- LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
- LEVY, L. **Poetic trespass: writing between Hebrew and Arabic in Israel/Palestine**. Princeton: Princeton University Press, 2014.
- MARTINS, G. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- NÖTH, W. **Introdução à semiótica**. Tradução de Roberto Benzi. Campinas: Papirus, 2003.
- PEIRCE, C. S. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce** (vols. 1-8). Harvard University Press. 1931, 1958.
- SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SAID, E. W. Zionism from the Standpoint of Its Victims. Ensaio publicado originalmente na revista **Social Text**, n.º 1, inverno de 1979, p. 7 a 58.
- SANTAELLA, L. **O Que é Semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTAELLA, L. **Teoria Geral dos Signos**. São Paulo: Ática, 1995.
- SANTAELLA, L. **Leitura de signos: por uma pedagogia da significação**. São Paulo: Cortez, 1996.
- SANTAELLA, L. **Semiótica e cultura: um diálogo interdisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2014.

